

www.autoresespiritasclassicos.com

Congresso Espírita Internacional

Liège/Bélgica - 1905

A Exteriorização do Pensamento



Gabriel Delanne



Léon Denis

Dileruando 02/2010

Léon Denis
Sumário

Introdução

1 Palestrante - Gabriel Delanne - A Exteriorização do Pensamento / 05

2 Palestrante - Léon Denis / 30

Introdução

No mês de junho de 1905, os espiritualistas belgas recebiam em Liège, para participar de seus trabalhos, com o título de Presidente de Honra, aquele a quem já chamavam de “O Apóstolo”. A data do último Congresso realizado em Liège remontava a 30 anos.

No substancioso discurso que Léon Denis pronunciou naquela ocasião, destacou a importância da realização daqueles certames mundiais com maior frequência:

“Os Congressos são úteis no sentido de que representam uma afirmação de vitalidade de nossos princípios e de nossas crenças.

Os Congressos são úteis porque contribuem para orientar a marcha do Espiritismo.

Neles medimos os progressos realizados. Neles acertam-se as formas de melhor organizar o trabalho de experimentação e de propaganda para torná-lo mais metódico.

Neles se estreitam os laços de solidariedade que unem os espíritas de diversas regiões, de diversas federações.

E cada vez que aqueles que participaram desses Congressos retornam à vida ativa, à luta pelas idéias, eles o fazem com um novo ardor, com uma confiança bem maior.”

Depois, entrando no cerne da questão, expunha o que, segundo ele, devia ser o objetivo essencial do Espiritismo. Inicialmente, provocar, pesquisar, coordenar as provas experimentais da sobrevivência, por meio de um controle rigoroso, apoiando-se nos recursos do método e da crítica, desconfiando das afirmações prematuras. Em seguida, preparar, renovar a educação científica, racional e moral do homem em todos os seus ambientes.

“Creio poder dizer que o Espiritismo foi chamado para se tornar o grande libertador do pensamento, há tantos séculos escravizado.

A magnífica obra do Espiritismo será aproximar os homens, as nações, as raças, formar corações e desenvolver as consciências. Mas, para isso é preciso trabalho, perseverança, espírito de devotamento e de sacrifício.”

Tranqüilizando os neófitos, decepcionados com a aparente lentidão dos progressos da Doutrina, Denis escrevia:

“Somos impacientes porque nossa vida é curta.

Todavia, já podemos dizer que o Espiritismo tem feito muito mais em 50 anos do que qualquer outro movimento do pensamento, não importa em qual época da História.

Para mim é uma grande alegria poder dizer essas coisas aqui, na capital da Valônia, nesta terra de independência e de coragem, cujos filhos sempre compreenderam e demonstraram que nada se obtém senão ao preço do trabalho e da paciência.”

A seguir, fazendo o histórico do Espiritismo, mostrava, num interessante resumo, como a Ciência, de início a contragosto, fora constrangida, pouco a pouco, a orientar-se no mesmo sentido.

“Faz 50 anos que os espíritas sabem o que a Ciência pretende hoje descobrir.”

E Denis registrava a confissão de impotência e de confusão da Ciência, profetizando que ela seria obrigada a uma completa revisão de seus conceitos, segundo a hipótese espírita.

Passando ao problema religioso, ele ainda fazia importantes declarações que estava em condições de comprovar:

“A idéia espírita penetrou nos meios religiosos mais refratários, mais ortodoxos.”

E citava o pastor Bénézech, entre os protestantes, e o padre Didon, entre os católicos.

“Há em tudo isso um fermento que fará levedar as massas, em todas as instituições e em todos os meios sociais.”

Terminava com um epílogo admirável no qual celebrava, além dos fatos experimentais:

“O esplêndido esforço do Além para tirar da alma humana suas dúvidas, suas vergonhas, suas lepras, suas doenças morais, a fim de obrigá-la a tomar consciência de si mesma, de suas energias ocultas, para forçá-la a realizar seu destino glorioso pela comunhão das almas que se chamam e se respondem através da imensidão.”

Léon Denis

Conferência sobre a Exteriorização do Pensamento

proferida por

Gabriel Delanne

aos Membros do Congresso Espírita de Liège em 11 de junho de
1905, domingo

Senhoras, Senhores,

Minhas primeiras palavras serão um agradecimento para os membros do Congresso que me deram a honra de pedir que eu viesse esta noite expor, diante dos senhores, uma questão que toca a quase todos os problemas do Espiritismo. Essa questão é a exteriorização do pensamento.

Se fosse necessário desenvolver para os senhores todos os fenômenos que tocam a essa ordem de pesquisas, eu creio que o tempo seria precário para tratar a questão de modo completo.

Os fenômenos do Espiritismo são verdadeiros e eles assim o são porque foram afirmados inúmeras vezes, foram estudados com os métodos mais rigorosos. Se esses fenômenos são exatos, eles são incontestavelmente devidos à ação de seres que estão no espaço, à ação de seres que deixaram de pertencer a nosso planeta para viver em um outro ambiente, no espaço. E, bem! Se esses espíritos agem sobre nós, eles o fazem em meio a seus pensamentos e seguindo a disposição de pessoas especialmente qualificadas para receber esses pensamentos, que se chamam, essas pessoas, médiuns. O pensamento de um espírito pode se traduzir seja por movimentos de um objeto qualquer – mais frequentemente uma mesa – seja pela escrita, seja pela visão, seja pela audição, seja, enfim, pela penetração do pensamento, do espírito, tomando os órgãos do médium (o que se chama de mediunidade de incorporação).

O campo de estudos é imenso; mas é possível se preparar para ele estudando fenômenos análogos que podem se produzir durante a vida, em cada um de nós.

O pensamento pode se exteriorizar, o pensamento pode sair do ser humano para agir à distância sobre um outro ser humano de maneira que o segundo indivíduo tenha uma consciência vívida e precisa sobre o pensamento do primeiro. Foi, então, necessário que esse pensamento saísse do cérebro do agente – é assim que se chama aquele que opera – para penetrar no espírito do sujeito. Está aí a transmissão do pensamento.

Mas existe uma segunda forma de exteriorização do pensamento: é quando o indivíduo, em circunstâncias especiais – seja durante o sono natural, seja em transe – se exterioriza de modo a tomar conhecimento de eventos que se passam longe. Chama-se a esse fenômeno clarividência.

E, bem, nesse fato está realmente o pensamento do indivíduo, seu pensamento imaterial que sai dele mesmo; enquanto ele está fechado em seu quarto, que não amanhece, que os muros limitam o alcance de sua visão, ele toma conhecimento de eventos que se passam do lado de fora e ele pode descrevê-los perfeitamente. A clarividência é, então, uma das formas de exteriorização do pensamento.

Existe uma terceira forma à qual os sábios ingleses, que muito se ocupam dessa questão, os membros da « Sociedade de pesquisas psíquicas », deram o nome de telepatia.

A telepatia é a comunicação entre duas inteligências separadas pela distância, comunicação que não se efetua por nenhum dos sentidos dos quais temos o hábito de nos servirmos para transmitirmos nosso pensamento.

Por exemplo, eu estou aqui em Liege, passo por um acidente repentino e meu pensamento se reporta a um ser que me é caro. Pode acontecer que esse ser me veja tal como estou nesse momento, ou ouvir minha voz, ou sentir uma certa sensação que o advertirá de que me aconteceu um acidente.

Os sábios da sociedade inglesa, há uns vinte anos, se ocupam especialmente em reunir casos nos quais essa transmissão do pensamento foi estabelecida sob suas diferentes formas com um rigor, com um método que dá a esses fenômenos uma certeza total. É nesse ponto que hoje mesmo os senhores podem ir às academias, às reuniões públicas, aos meios mais cultos e falar das leis da telepatia sem ser contraditos.

Há 25 anos a «Sociedade de pesquisas psíquicas» vem reunindo mais de 2.000 casos que foram verificados de ponta a ponta com o rigor e a minúcia que os sábios habituaram o público a ver em cada uma de suas experiências. Não somente foram reunidas narrativas como ainda foi perguntado àquele que as fazia se foi tomado nota no exato momento em que o fenômenos se produziram, se ele falou seja com seus pais, seja com seus amigos, se há uma testemunha efetiva indicando que a um tempo determinado verdadeiramente houve seja uma visão, seja uma audição. Quando ele diz, por exemplo: «Eu anotei no meu diário... » pede-se para ver esse diário, verifica-se se a narrativa não foi intercalada mais tarde, se ela fazia parte do texto do diário; em seguida e independentemente da narrativa feita pelo clarividente, pede-se ainda à testemunha que faça uma narrativa exata do que lhe foi contado e comparam-se todas as versões. Eis aí a primeira parte.

Depois, se por exemplo fosse um pai aquele que sofreu o acidente e fossem seus filhos que tivessem tido a visão, após ter verificado a narrativa dos filhos interrogar-se-ia o pai. Pergunta-se a ele: «O senhor foi atendido por um médico, ficou alguma coisa, uma testemunha efetiva?». Os sábios se dão o trabalho de remontar até as origens, de verificar cada uma de suas testemunhas, de compará-las entre si; é somente quando dos dois lados foi feita a verificação que se publica, então, o fato, dando todas as provas que se possua de sua autenticidade.

Nos livros publicados pela «Sociedade inglesa de pesquisas psíquicas» mais de 2.000 casos autênticos foram relatados. É essa maneira de proceder que nós precisamos, espíritas, colocar em prática. Uma vez que narremos um fenômeno que tenhamos assistido, aqueles que nos conhecem podem, até certo ponto, dar fé à nossa narrativa; mas

quando desejamos apresentar publicamente – ou seja, às pessoas que não nos conhecem – a narrativa desses testemunhos, nos é dito: «Sua recordação não é muito fiel».

Se os senhores levarem junto a suas narrativas o relato de pessoas que presenciaram, se cada um fez do mesmo fenômeno um relato, nós poderemos ver se a imaginação não teve certo papel, se involuntariamente ou inconscientemente os senhores não trouxeram modificações à exposição da narrativa ou à experiência à qual presenciaram.

E, bem, eu peço a todos que assistiram reuniões, que constatarem fenômenos no interesse superior de nossa doutrina, no interesse superior da divulgação, cada vez que fizerem uma narrativa, cerquem-na, eu lhes peço, de todas as circunstâncias nas quais ela se produziu; se o fizerem, darão ao Espiritismo um impulso considerável, porque nós nos apoiaremos sobre fatos controlados, certos, sobre fatos que farão no mundo inteiro a mesma revolução que a «Sociedade de pesquisas psíquicas» produziu no meio intelectual, graças aos procedimentos que ela seguiu.

Retornando ao objeto principal desta conferência, eu gostaria de tratar um aspecto muito particular da questão a que chamamos materialização do pensamento.

Oh, eu sei bem que essas palavras «materialização do pensamento» fariam tremer, ou ao menos teriam feito tremer, há pouco tempo, as pessoas habituadas ao espírito científico, a seus métodos de pesquisa. Teriam nos dito: «Os senhores falam de materializar o pensamento, mas, então, ignoram que o pensamento é pura e simplesmente uma vibração cerebral. Como os senhores querem materializar uma vibração? Talvez não tenham exatamente consciência dos termos dos quais se servem».

Enquanto os filósofos de outra margem teriam dito: «O pensamento é a própria alma; a alma é imaterial, ela não tem cor, ela não tem peso, nem dimensões. É justamente porque entre a alma e o corpo não há nenhuma comparação a estabelecer que os senhores não podem materializar o pensamento».

E, bem, eu começo detendo-me na definição da questão. Evidentemente, o pensamento em si é um fenômeno imaterial, um fenômeno que não tem semelhante no mundo físico. Porém, durante a vida, a alma está associada a seu envoltório físico, a seu corpo, e cada vez que o pensamento se exprime existe uma vibração cerebral que corresponde a esse pensamento. É esse lado fisiológico, esse aspecto material da vida do espírito que nós vamos estudar hoje. Reparem que a questão tem grande importância porque a todo instante os senhores lerão nas revistas espíritas, os senhores escutarão narrativas feitas por médiuns videntes e nas quais, por exemplo, o medium dirá a uma pessoa que venha consultá-lo: «Eu vejo ao seu lado uma senhora que tem os cabelos brancos, com uma gravata de tal cor, que tem um casaco vermelho, um vestido com pequenas rendas». Os incrédulos então dizem: «Mas o que! Os senhores falam de um fantasma que está vestido, de um fantasma que tem um chapéu! Os senhores estão sonhando? Esses fenômenos seriam possíveis para além da alucinação? Se a alma existe, eu concebo que no espaço ela sobrevive de uma maneira tal que eu não posso aprofundar, mas não me faça crer que essa alma levou consigo uma roupa fluídica, que ela tem um chapéu fantasma, um vestido fantasma!». Se, de outro lado, fazemos a descrição de um trabalhador e seus bois, os mesmos incrédulos dirão: «Eu não posso crer que os bois existam no espaço num estado fluídico».

E, bem, Senhoras, Senhores, é essa questão que eu gostaria de tratar aqui, e por ela, como por muitas outras, é preciso retornar ao mestre, a Allan Kardec. O que ele diz? Ele nos diz que o pensamento é criador, que quando oramos, que quando pensamos, realizamos imediatamente no espaço uma imagem que é a tradução, a reprodução fotográfica da imagem que temos no espírito; Kardec vai mais longe e diz: se, por exemplo, um espírito se encontra no espaço, se ele se manifesta a um médium, para ser reconhecido ele retoma momentaneamente não só a forma que tinha na terra, em uma época determinada de seu passado, mas também os atributos físicos, as vestimentas que ele tinha nessa época.

Trata-se de demonstrar que esse ensinamento de Karde é verdadeiro; trata-se de provar, pelas pesquisas dos sábios contemporâneos, que

nós encontramos explicações claras, lógicas que vêm apoiar de maneira absoluta, certa, o ensinamento dado pelos espíritos há meio século; trata-se de mostrar que aquilo que foi conteúdo nos livros do mestre é verificado hoje de uma maneira absolutamente autêntica e precisa pelos sábios que não são espíritos. É, então, buscando em suas obras que nós vamos acumular as provas que demonstram de maneira absolutamente vívida que Kardec não nos enganou.

Para estabelecer a verdade do que venho lhes dizer, é preciso demonstrar três coisas: 1º que todo pensamento é uma imagem; 2º que essa imagem pode sair do cérebro, pode existir no espaço; 3º que uma vez que este pensamento está no espaço, ele pode se materializar e se tornar acessível aos sentidos – que se pode ver, tocar, fotografar.

Tomemos o primeiro ponto. Eu disse que todo pensamento seria uma imagem. Essa afirmação não tem necessidade de ser demonstrada; ela é admitida de maneira unânime por todos os psicólogos contemporâneos. «Eu abro os olhos, imediatamente o mundo exterior está no meu olho, chega a meu cérebro e enquanto tenho os olhos abertos, tenho o conhecimento dos objetos. Eu fecho os olhos e por um esforço de minha vontade, posso reencontrar essas sensações, tenho a lembrança daquilo que vi. Os senhores sabem, como eu, que na realidade, quando estivemos em uma cidade, quando encontramos paisagens, basta – se nossa memória é suficientemente fiel – desejar que a imagem renasça e ela renasce fraca, muito vaga.

Do mesmo modo para um ar de música que os senhores tenham escutado, por um odor que tenham sentido, em uma palavra: as sensações nos deixam traços; elas reproduzem uma imagem da realidade e frequentemente as faculdades que possuímos, comumente o tipo ao qual pertencemos, temos não uma memória, mas uma coleção de memórias. (Os senhores sabem que os psicólogos organizaram os diferentes tipos de humanidade em diversas classes; eles designam sob o nome de visuais aqueles que pensam habitualmente por imagem, sob o nome de auditivos aqueles que compreendem em si mesmos os raciocínios, sob o nome de motores aqueles que sentem vivamente as impulsões interiores.) Seguindo o tipo ao qual pertencemos, temos procedimentos diferentes para despertar em nós a imagem de sensações que foram registradas e cada

vez que elas renascem, é a mesma imagem, apenas um pouco fraca, mas que pode ter em alguns indivíduos um caráter tão vívido quanto a própria percepção. Se os senhores lerem os trabalhos publicados sobre esse tema, verão que alguns indivíduos que pertencem ao tipo visual, por exemplo, têm essa propriedade singular de despertar lembranças com uma intensidade tal que acreditam ter diante dos olhos o objeto que impressionou sua visão pela primeira vez.

Assim, um pintor não teria necessidade de ver mais que uma única vez um indivíduo para poder fazer seu retrato de uma maneira tão fiel como se o indivíduo tivesse posado diante dele. Quando se pergunta a ele: Como o senhor faz? Ele responde: «Eu pego o indivíduo, sento-o nessa cadeira, parece-me que ele está de acordo e eu não faço mais que copiar a imagem que tenho diante dos olhos». Os senhores veem a que ponto essa imagem pode se tornar real, positiva.

Em outras sensações acontece o mesmo. Mozart tendo escutado uma única vez no Vaticano um Requiem, anotou tudo do começo ao fim. Beethoven compunha em sua cabeça sonatas inteiras; ele não tinha necessidade de executá-las materialmente; elas estavam em seu espírito com toda sua fineza, todo seu brilho colorido.

Vejam, então, que de acordo com os indivíduos, a riqueza da imaginação, a imagem se apresenta com uma nitidez mais ou menos surpreendente.

Os senhores me dirão: «Estes são exceções. O senhor cita aí os casos de um grande pintor e de grandes músicos, mas todo mundo possui verdadeiramente imagens parecidas?»

Nos sonhos, uma vez que os olhos se fecham, uma vez que as orelhas adormecem, que a sensação do mundo exterior vai pouco a pouco se tornando mais fraca até desaparecer, vê-se desenhar figuras tendo toda a intensidade da vida real. É evidente que isso acontece a cada um de nós: o sonho, quando o mundo exterior não age mais sobre nós, quando suas sensações não têm mais uma intensidade capaz de contrabalancear as imagens que estão em nosso espírito, nos mostra que a imagem está conservada com suas cores e a mesma potência que durante a vida.

Passemos a uma outra ordem de fenômeno: Os senhores se lembram que não há piada que não tenha sido feita, há 25 anos, contra o magnetismo. Os magnetizadores eram tratados como charlatões; ora, o que foi preciso para levar uma mudança radical; o que foi preciso para que o hipnotismo seja hoje ensinado nas Faculdades? Bastou pura e simplesmente que a ciência oficial colocasse sua marca sobre cada um desses fenômenos que se rebatizam e chamam «hipnotismo» ao invés de «magnetismo».

Muitos desses sábios eram incrédulos e entre outros Pierre Janet, que conta que ele não tinha mais que uma confiança modesta nisso que se chama fenômenos da sugestão, mais que uma confiança muito fraca nas afirmações de seus colegas e magnetizadores. Uma das primeiras vezes que ele fez essas experiências, teve a ideia de imaginar que um tigre estava na sala e iria se precipitar sobre o sujeito. Infeliz ideia, pois esse sujeito para o qual a ideia se realizava dava gritos assustadores, teve ataques de nervos terríveis e foram feitos todos os esforços do mundo para acalmar o sujeito e «desde então, diz Pierre Janet, eu não apresento mais aos meus sujeitos nada além de pássaros e de pérolas». É, então, que o pensamento sugerido se realiza e com uma potência que equivale à realidade, que é mesmo mais forte que a impressão produzida pelos olhos.

Janet fez outras observações ainda: «Eu tive um sujeito para o qual eu disse: há um elefante aqui; então esse sujeito viu esse enorme paquiderme com suas presas e sua trompa. Ele quis até alimentá-lo, mas o lado curioso é que ele se atirou contra a parede. Diz-se para ele: « Por que o senhor foi para aquele lugar?» e ele responde que é porque não havia lugar. O elefante, imaginário para o operador, é tão real para o sujeito que ele não via mais a parede que estava à sua frente; a imagem do elefante deformava a imagem da parede. Os senhores veem como essa imagem é no cérebro uma realidade para que a imagem da parede que chega ao olho seja neutralizada por esse elefante que não existe senão em seu espírito. Os senhores veem que a imagem alucinante tem uma dimensão, uma cor; em uma palavra, essa imagem é percebida de uma maneira precisa, vívida. (É verdade que esses são sujeitos histéricos, doentes, que têm uma sensibilidade que extrapola a normal, mas, enfim, sobre os quais pode-se estudar os

fenômenos com um desenvolvimento considerável. Esses são sujeitos que colocam em relevo as particularidades que existem em cada um de nós e que os colocam em uma evidência tão surpreendente que nos permite definir com exatidão o caráter dessas imagens.)

Os senhores me dirão: «Será que haveria nisso algo real? É um fenômeno imaginário, há tantos elefantes ali quanto há aqui».

Não tomemos uma imagem tão grande; tomemos uma borboleta. E, bem! Dois sábios franceses que estudaram esses fenômenos com grande minúcia, com remarcável espírito científico disseram: «Essas imagens existem no espírito?» Se elas existem deve-se poder repetir sobre essas imagens as mesmas experiências que se repetiriam com um objeto real. Assim, por exemplo, se sugiro a meu sujeito que há uma borboleta, o que vai acontecer se eu colocar um par de binóculos em suas mãos? Os senhores sabem que se alguém olha pelo binóculo no lado do fundo pequeno, a imagem se aproxima; se os senhores olharem no sentido inverso, a imagem se distancia. Conseqüentemente, basta ver a posição do binóculo para se dizer que a imagem está distanciada ou aproximada. Mas tem-se o cuidado de colocar o binóculo em uma caixa que não permite ao sujeito dar-se conta do fundo pelo qual ele olha. Diz-se ao sujeito: «Olhe» Há um pequeno sinal exterior que somente o operador conhece e que lhe indica se o sujeito está olhando pelo fundo pequeno ou o sentido inverso. Quando o sujeito olha ele vê a imagem se aproximar, se for pelo fundo pequeno; e se distanciar, se for pelo fundo grande; diz-se: «Coloque-se diante de um espelho» A imagem é refletida e exatamente como seria se um objeto real ocupasse o lugar da imagem sugerida. Pergunta-se ao sujeito: «Onde o senhor vê a imagem?» «Aqui », responde ele. Faz-se a construção geométrica e a imagem refletida se encontra no lugar desejado.

Tomemos um prisma. O sujeito ignora as leis do prisma; ele não sabe que ele desdobra os objetos e que a segunda imagem deve estar ao lado ou acima da primeira. E bem! Faz-se com que se olhe em um prisma; faz-se com que se gire o prisma. A imagem que está no cérebro segue exatamente as leis da ótica. Ela é desdobrada como se ela fosse real.

Eis os fenômenos precisos que não foram feitos por espíritos, mas por sábios totalmente independentes e que constataam que eles se produzem dessa maneira.

Há melhor que isso. Pariau fez uma experiência tão demonstrativa, tão curiosa quanto esta. Os senhores sabem que o fenômeno seguinte é muito natural: se contemplarem um cartão muito vermelho e se depois levarem o olhar sobre uma parte branca, verão imediatamente uma imagem igualmente redonda e verde, quer dizer, a cor complementar do vermelho.

E, bem, se os senhores sugerirem a um sujeito a cor vermelha de uma imagem que não existe, se o fizerem fixar o olhar sobre um papel branco em seguida, ele vai ver uma sombra verde. Então, a imagem que estava em seu cérebro tem exatamente as mesmas propriedades que a imagem real e produz de outro modo as mesmas sensações. Assim, essa imagem é tão real quanto uma sensação. No cérebro ela ocupa o mesmo lugar que a sensação; ela tem efeitos consecutivos exatamente parecidos com os efeitos produzidos pelas sensações reais.

Chegamos à demonstração absolutamente perfeita de que essa imagem existe e não somente que ela existe mas, como os senhores verão por uma observação que é feita pelos sábios, que ela viaja no espaço sem sair do cérebro. É um fenômeno de observação muito conhecido dos fisiologistas, o de que nosso olho se acomoda à distância dos objetos aproximados ou distanciados e que existem, ao mesmo tempo, variações da pupila.

Sugiram, por exemplo, a borboleta a um sujeito, a borboleta da qual falávamos há pouco. Enquanto fazem a sugestão, os senhores dizem: «Oh! Que linda borboleta!» Tomemos a dimensão de sua pupila. Então o hipnotizador diz «Ela se foi» E, bem, à medida que o olhar do sujeito se dirige à borboleta, a pupila se abre. Eis uma imagem que não é mais que imaginária e que produz fisiologicamente os mesmos resultados que uma sensação real. Os senhores compreendem toda a potência demonstrativa que cada um desses fenômenos possui? A imagem mental tem uma realidade, tem um volume, tem uma cor e quando ela age no cérebro, age exatamente como poderia fazê-lo uma imagem real causada pela sensação.

Então, a imagem mental é bem uma realidade, então ela tem uma existência objetiva.

Um fenômeno mais curioso ainda é a conservação indelével, para sempre, dessa imagem registrada uma única vez em um cérebro humano.

Se o tempo não nos faltasse, eu poderia demonstrar, por experiências que foram feitas pelos fisiologistas, que mesmo na alma a visão mais fugidia se grava em nós com uma vivacidade perfeita; mesmo quando não temos as lembranças conscientes de todos os detalhes dessa imagem, existe em nós uma impressão fotográfica que perdura de uma maneira por assim dizer definitiva, isto é, até a morte do indivíduo.

Como os senhores podem demonstrar, me dirão, que uma imagem que foi registrada quando eu tinha cinco anos de idade – e eu tenho hoje 40 anos – seria assim incorporada a meu organismo e que em um dado momento eu poderia fazê-la reviver?

E, bem, Senhoras e Senhores, reparem que eu não faço apelo aos espíritos nesse momento; é quase um curso de fisiologia o que eu faço. É dos próprios sábios que tomamos emprestado nossos argumentos. Piot, que é o mais antigo da Faculdade de medicina de Bordeaux, publicou um livro intitulado: O Sonambulismo e a Histeria. Entre os fenômenos numerosos que ele descreve, ele cita um que chama de fenômenos da *Incensie*. Seu sujeito não lhe respondia; ele não falava mais que dialetos e ela contava – pois era uma jovem – que ela cuidava das vacas, que ela reencontrava um tal indivíduo, que ela teve uma conversa com um tal outro, e quando Piot tentava entrar em relação com ela, a jovem não lhe respondia, pois ela não conhecia mais a língua que ele falava.

E, bem, eis aqui o que acontecia (pois por diferentes procedimentos acabou por entrar em relação com ela). A alma do sujeito se reportava à idade de cinco anos, esquecia todos os eventos que se passaram desde então, isto é, até a idade de 17 anos. Ela perdeu a lembrança de todos esses acontecimentos, mas em contrapartida, todos os acontecimentos anteriores dos quais ela teve conhecimento se desenharam para ela com uma nitidez maravilhosa. Ela contava sua

vida; em francês, ela não compreendia, era preciso empregar o dialeto para que o sujeito respondesse; todas as recordações dessa idade estavam conservadas com uma nitidez absolutamente perfeita.

Essa jovem não é o único sujeito que foi estudado; o fenômeno se produziu muitas vezes; ele foi estudado não somente em todos os lugares, mas ainda por outros sábios; Bureau tinha um sujeito que se chamava Jeanne e que apresentava o mesmo fenômeno. Dizia-se a ela: « Você tem 15 anos ». Ela respondia: « Eu estou na casa de Madame Z...; eu devo ir a tal reunião; eu conheço um tal senhor etc. ». Ainda lhe era dito: « E, bem, escreva algo. Você conhece *O pequeno saboiano*? » E fazia-se com que ela escrevesse alguns versos dessa poesia.

Ela é reportada, em seguida, à idade de 5 anos. Constatase que ela mal sabe ler, que ela escreve como escrevia nessa idade, com as falhas de ortografia que ela tinha então. Ela reproduziu perfeitamente todas as recordações dessa idade. Observe que esses sábios não se contentam simplesmente com o relato feito por seus sujeitos. Eles fizeram pesquisas e controlaram a veracidade absoluta do despertar das lembranças em cada um desses sujeitos. Os senhores veem que, na realidade, tudo que vimos, ouvimos e apreendemos é gravado em nós de uma maneira absolutamente indelével. Isso se apresenta, necessariamente; é mesmo uma das condições da memória que nós esquecemos momentaneamente, temporariamente, para poder aprender coisas novas. Todos aprendemos história, geografia, matemática, física etc.; se a lembrança de todas essas coisas estudadas ainda estivesse no espírito, a conservação do pensamento não seria possível. É preciso, então, que normalmente nós aprendamos a esquecer, para aprender mais. Mas o esquecimento não é total. Ainda que nossa memória tenha falhas, que consciente e voluntariamente não possamos despertar todas as ideias que tenhamos acumuladas, há ainda um tesouro imenso na alma humana. Desde nosso nascimento, todas as impressões que agem sobre nós, impressões visuais, auditivas, táteis, tudo isso que soubemos, ouvimos e aprendemos fica gravado em nós para sempre. As experiências dos sábios nos provam que nada se perde. Além disso, é um fato reconhecido entre psicólogos de hoje. Vejam Ribot, chefe do positivismo na França e

que escreveu uma obra tratando das doenças da memória. Os senhores encontrarão aí relatos que demonstrarão clara e incontestavelmente esse despertar de todas as imagens guardadas em nossa memória automaticamente se reproduzindo quando acontece um acidente.

Eu suponho que alguém caiu na água. Outra pessoa o retira antes que submerja completamente e ele conta que viu passar diante de si todo o panorama de sua vida durante o curto instante que passou entre o momento onde ele penetra na água e o momento em que perdeu a consciência.

Os senhores encontrarão inúmeros exemplos desse fenômeno. Um indivíduo cai do alto do telhado; e não morre. Entre o momento da queda e a chegada ao solo, se passa diante dele o espetáculo de toda sua vida, acompanhado do sentimento do bem e do mal.

Um outro indivíduo cai por descuido sobre a via de uma estrada de ferro. O tempo é suficiente apenas para colocar-se entre os trilhos, mas enquanto o comboio passa sobre ele, exatamente o mesmo fenômeno (a renovação da memória) se produz. Ele revê toda sua vida; tem consciência das ações boas ou más, e mais exatamente do sentimento moral que diz respeito a cada um de seus atos.

Os senhores percebem a imensa importância desses fenômenos? Se tudo isso que o Espiritismo diz é verdadeiro, certamente há em nós a conservação integral de tudo que vimos, ouvimos, provamos, de tudo que vivemos; em uma palavra, se não é a primeira vez que estamos neste mundo, não existiria aí um modo maravilhoso de despertar na alma humana uma lembrança de vidas anteriores?

Reparem que esse fenômeno que foi estudado pela primeira vez pelos espíritas recebe dos trabalhos dos sábios uma confirmação indireta. As primeiras experiências foram dos espíritas e comunicadas ao último Congresso espírita, que aconteceu em Paris, 1900. Rochas, antigo diretor da Escola politécnica, cujo valor não se coloca em discussão por ninguém, também estudou os fenômenos de regressão da memória. Ele deu o nome de regressão da memória ao fato de que podemos remontar mesmo além da existência atual para despertar as lembranças acumuladas de uma maneira permanente, não somente no

corpo, nesse corpo que muda perpetuamente, não no estojo material que tomamos em cada encarnação, mas na parte imperecível de nós-mesmos, no corpo fluídico ao qual os espíritas deram o nome de perispírito. É nele que as lembranças são guardadas.

Essas experiências são muito delicadas. Eu lhes pergunto se os senhores têm a intenção de seguir estudos nessa via, de se colocarem seriamente em guarda contra a autosugestão. Não se deve aceitar como confiáveis todos os relatos dos sujeitos, pois sabemos que o sonâmbulo é capaz de forjar romances. Quando fazemos esses estudos, devemos exigir pessoas, nomes, datas – provas, em uma palavra – que afirmem de uma maneira totalmente positiva que houve uma regressão da memória. Mas, se nós procedemos com método, com paciência, com sagacidade, descobriremos então esse oceano profundo que constitui a personalidade do ser. Do mesmo modo que a ciência reconstituiu a história explorando as entranhas da terra, nós ressuscitamos as histórias das almas, indo a suas profundezas. (*Aplausos.*)

A imagem mental é, pois, uma realidade; eu acabo de demonstrar.

Eu devo, agora, estabelecer por fatos tão certos, tão precisos, tão claros quanto os outros que esse pensamento pode se exteriorizar, quer dizer, sair do cérebro.

Uma das melhores demonstrações são as experiências feitas pelos sábios ingleses dos quais eu falava há pouco, sobre a transmissão do pensamento. Eu gostaria de dizer isso em duas palavras. O tema é muito vasto; é preciso, entretanto, que os senhores tenham uma percepção rudimentar, mas que lhes dê vividamente a sensação de que esses fatos foram estudados com um cuidado, uma prudência, uma minúcia que nos afirma que são bastante autênticos.

Abram o vasto arsenal de livros sobre magnetismo e verão que, desde Marquis de Ségur até Du Potet, passando por Lafontaine, por todos os lados se afirma o fenômeno da transmissão do pensamento, isto é, que um pensamento nascido no cérebro do magnetizador pode alcançar o cérebro do sujeito, sem empregar nem palavra, nem escrita, nem

nenhum desses meios que comumente nos servem para transmissão de nosso pensamento aos nossos semelhantes.

Eu já falei bastante do tema, mas creio que é indispensável retorná-lo ainda mais um pouco.

Há 23 anos, era 1882, sob o impulso do Espiritismo, grandes homens como Myers, Podmore e Barette, hoje membro da Sociedade real e professor em Cambridge, se formou uma associação que tinha por objetivo estudar todos esses fenômenos que saíam do comum.

Quando se perguntou a Sidwidge pela primeira vez: «Com qual objetivo o senhor faz essa reunião?» Ele disse: «Se nós formamos uma sociedade, é porque é uma vergonha para nossa época ainda ver homens inteligentes negarem os fenômenos do magnetismo, da clarividência; é uma vergonha que o mundo oficial tenha fechado os olhos diante desses fenômenos. É preciso que o estudemos, é preciso que saibamos a que nos ater; é preciso que tenhamos uma solução precisa; é preciso que saibamos se real e positivamente esses fenômenos existem ou se são produtos do charlatanismo. Eis porque nós fundamos a sociedade.»

E, bem, nenhum programa jamais foi melhor preenchido. E com a indomável tenacidade anglosaxã que eles estudaram os fatos. Foi durante anos inteiros que eles procuraram os sujeitos mais diferentes, que operaram em condições variáveis. E foi somente depois de ter, durante centenas de sessões, verificado os fenômenos, que eles enfim afirmaram a transmissão experimental do pensamento.

Os senhores veem que eles agiam com seriedade. O operador ficava em um quarto; o sujeito a princípio ficava no mesmo quarto, mas entre o operador e o sujeito se colocava uma tela. Além disso, o sujeito tinha os olhos vendados; o magnetizador não se movia; temia-se até que as vibrações do ar servissem de indicação ao sujeito para executar movimentos. Para que não houvesse nenhum acordo antes, os próprios experimentadores tinham o cuidado de escrever sobre uma série de papezinhos as ordens que deveriam ser executadas. Esses papeis eram dobrados todos iguais, colocados no mesmo chapéu; eles eram agitados e tirava-se ao acaso uma dessas questões. Então, fazendo-se o

mínimo de movimento possível, abria-se muito levemente o papel; colocava-se o papel sob os olhos do operador que não deveria pronunciar uma palavra, mas concentrar seu pensamento sobre a ação que tinha de ser realizada. Durante certo tempo, que dependia da relação estabelecida entre o sujeito e o operador, via-se o movimento se executar.

Reparem bem que os sábios estudaram o pensamento sob suas três formas (sensação, inteligência, vontade). Tomemos, por exemplo, a sensação. Suponhamos que a ordem dada seja a seguinte: «Belisque a perna esquerda na altura da barriga da perna». O magnetizador se belisca no local indicado e o sujeito sente a mesma sensação que ele.

Se os senhores puxarem os cabelos do magnetizador, o sujeito também reclama que alguém puxou seu cabelo.

Essas experiências foram feitas muitas vezes. Havia uma harmonia perfeita entre o magnetizador e seu sujeito, uma simpatia tão grande que todas as ações exercidas sobre a sensibilidade do magnetizador eram sentidas pelo sujeito de forma idêntica.

Nós nos encontramos quase diante de um fenômeno que é comum, conhecido da ciência. Os senhores têm em uma sala dois pianos absolutamente idênticos. Toque o « la » em um dos pianos; ao fim de certo tempo os senhores escutarão a mesma nota do segundo piano que se coloca à vibrar; é um fenômeno de simpatia.

Tomemos dois diapasões. Se tocarem o primeiro, obterão do segundo a mesma nota. O ar colocou o segundo diapasão em vibração. A transmissão das sensações se opera de modo análogo.

Tomemos uma outra espécie de sensação. Coloca-se um pouco de sal na boca do operador e imediatamente o sujeito cospe e anuncia uma sensação de algo salgado; se se coloca um doce, ele anuncia que a sensação é de algo doce.

Nos movimentos, constata-se a mesma coisa. Havia transmissões de movimentos e sempre sem que o magnetizador fizesse um gesto, pronunciasse uma palavra; ele fica imóvel. Se alguém lhe transmite em um pedaço de papel a seguinte ordem: «O sujeito deve levantar o

braço e estender horizontalmente a perna», este último executa após um tempo mais ou menos longo o movimento comandado. Houve um bocado de experiências desse gênero: faz-se o sujeito se sentar, se jogar no chão etc.

Existe algo mais intrigante: a imagem mental – e isso nos remete diretamente a nosso sujeito – criada no cérebro do operador se reproduzia no cérebro do sujeito da maneira mais nítida; colocou-se diante do sujeito uma folha de papel branco e um lápis e ele desenhava exatamente a mesma imagem que o magnetizador tinha diante dos olhos. Se este desenhava um quadrado, o sujeito desenhava um quadrado. Se a figura era mais complicada, por exemplo, um cometa com uma grande cauda, o sujeito a reproduzia. Todas as figuras, por assim dizer, puderam ser transmitidas dessa maneira. Se os senhores tiverem a oportunidade de consultar nas bibliotecas a bela obra de Myers intitulada: «A personalidade humana e sua sobrevivência após a morte», encontrarão no texto as fotografias de desenhos originais e as reproduções do sujeito. Os senhores verão essa curiosidade, que às vezes não é uma imagem fotográfica que se reproduz, mas que a ideia do desenho penetrou no cérebro do sujeito.

Assim, por exemplo, dá-se sempre muito silenciosamente ao magnetizador a ordem de desenhar um pé. Ele desenha um pé e o sujeito percebe a ideia de « pé » e, nesse sentido, desenha uma bota. Não é a imagem fotográfica que foi transmitida, mas é a imagem que remete de alguma maneira àquela que o sujeito recebeu.

Os senhores veem que a ideia pode sofrer deformações passando de um cérebro a outro, restando uma ideia típica que se aproxima bastante da que foi sugerida.

Eis aqui outro exemplo. O operador desenha um relógio como geralmente se encontra nas chaminés com um sujeito qualquer em cima; o sujeito reproduz um cuco, ou seja, um relógio de madeira. É sempre a ideia de relógio que é transmitida, mas o sujeito a compreende a seu modo, com os detalhes contidos em seu espírito.

Essa transmissão do pensamento é absolutamente vívida e absolutamente demonstrada. Não são apenas os sábios da «Sociedade

de pesquisas psíquicas» que fizeram estudos sobre esse tema. Lombroso, eminente criminalista, estudou a questão e os senhores encontrarão nos Anais psíquicos do último ano desenhos que lhes mostrarão esses executados por Lombroso e aqueles que o sujeito reproduziu. Ora, existe entre os dois desenhos a maior analogia; há quase identidade.

Os senhores veem que a imagem saiu do cérebro do operador, viajou no espaço, e vai causar impressões no cérebro do sujeito; e esta imagem é produzida graficamente, exatamente como se o sujeito tivesse um modelo.

Esse modelo vem do espaço, de maneira puramente psíquica. Quem deu a imagem? Aqui é preciso necessariamente que cheguemos ao estudo de um fator que se coloca a levar o pensamento no espaço, que se coloca a impressionar, de algum modo, o cérebro do sujeito. E, bem, esse fato é a força psíquica. É essa força que os espíritas estudaram bastante, e os senhores verão pelo relato das experiências feitas que se pode dar à existência dessa força demonstrações absolutamente peremptórias.

Para começar, é evidente que essa força sai do corpo humano. Eu digo que é evidente porque homens tão científicos como Crookes construíram aparelhos dos quais os senhores encontrarão as descrições em sua obra, aparelhos que registram as variações de potência dessas forças que emanam do corpo humano. Os senhores verão os números que mostram que em certas circunstâncias a força psíquica varia de alguns gramas à vários kilogramas. É essa força que se coloca a trabalhar os objetos materiais que nos permitem entrar em comunicação com o mundo invisível.

Desde Crookes existem outros experimentadores e mais recentemente ainda Joire, doutor em Lille, que construiu um aparelho que ele denomina Estenômetro; ele demonstra que a força que sai do corpo humano pode colocar em movimento um objeto material. Ele demonstrou que essa força não era nem calor, nem luz, nem eletricidade, mas tratava-se realmente de uma forma de energia ainda desconhecida aos fisiologistas, mas bem conhecida pelos espíritas.

Existe uma segunda forma de evidenciar a existência dessa força psíquica: a fotografia.

Notem, Senhoras, Senhores, que eu lhes devo advertir contra alguns erros de experimentação que já aconteceram. Foram mostradas aos senhores fotografias, além de jornais ilustrados que reproduziram grande número de clichés onde se veem impressões materiais que são atribuídas à força psíquica. Sem negar que ela pode intervir, é preciso convir também que a demonstração não é suficiente.

Os sábios que estudaram essa questão são muito mais experimentadores do que sábios; para advertirem contra a objeção do calor, agiram à distância sobre a placa, sem contato; nessas condições, os desenhos são reproduzidos sobre a placa fotográfica mantida em perfeita obscuridade. Existiu provavelmente uma ação dessa força psíquica que agia sobre os sais de prata como a luz e produzia uma impressão análoga àquela da qual resulta a fotografia comum.

É preciso que estudemos agora uma terceira forma de provar a existência dessa força. É a ação fisiológica produzida por ela. Eu lhes disse que as imagens tinham não somente uma existência por si só, mas que elas saíam do cérebro, viajavam no espaço. E, bem, vamos ver essa imagem sair do cérebro e se imprimir na carne, deixar um traço material, um traço objetivo, um traço fotografiável.

Aqui ainda não são os espíritas que afirmam uma coisa tão inacreditável; são os sábios, os positivistas que negavam formalmente que o pensamento existia e mais ainda que ele poderia viajar no espaço. Eu lhes falei de Janet. E, bem! Abramos o livro que citei: *O Automatismo psicológico*, os senhores verão que esse autor, um dia, para extinguir de um de seus sujeitos a opressão histórica que ele experimentava, sugeriu a ideia de que havia um cataplasma sobre seu peito. Esse cataplasma imaginário produziu na realidade, sobre a pele do sujeito, exatamente o mesmo efeito que um cataplasma que tivesse sido realmente aplicado. A pele do sujeito estava vermelha e, coisa extraordinária, a forma desse cataplasma era de um retângulo cujos ângulos estavam cortados. Ele pergunta ao sujeito: «O que aconteceu para os ângulos estarem cortados?» «Mas, Senhor, diz ele, o senhor sabe bem que quando se colocam Rigollots, cortam-se sempre os

ângulos de modo que ele não faça mal quando retirados.» Assim, a ideia de que esse cataplasma era retangular, que havia ângulos cortados, saiu de seu cérebro e foi se aplicar na carne, produzindo o mesmo efeito que um cataplasma comum. Não somente a ideia foi criada no cérebro do sujeito, não somente ela tinha uma superfície, uma forma, mas também ela é fotografada sobre seu corpo, produzindo um verdadeiro cataplasma. Não seria isso um prodígio? A verdadeira exteriorização do pensamento, não somente da forma, da dimensão, da consistência, mas mesmo de propriedades químicas e fisiológicas.

Janet teve a ideia de dizer a si mesmo: «Ao invés de fazer um cataplasma comum, simulemos um cataplasma em forma de uma estrela de cinco pontas». Ele diz ao sujeito que se trata de um cataplasma que vai agir em seu peito. Ao fim de dois dias, o cataplasma que não existia senão na mente do sujeito foi impresso sobre sua pele e produziu os mesmos efeitos psicológicos que um cataplasma comum. Depois disso, ele tomou um cataplasma imaginário em forma de «S»; o fenômeno se produziu sobre o sujeito. Os senhores veem que a imagem mental existe realmente, que ela sai do cérebro do indivíduo e possui as propriedades que se quer que ela tenha.

Outras experiências que resultaram efeitos mais marcantes ainda foram feitas por Focachan, farmacêutico.

Ele sugeriu a um sujeito que ele havia colocado um vesicante sobre seu braço direito; ele disse, então, que esse vesicante deveria fazer efeito no dia seguinte. No lugar do remédio, ele colocou pura e simplesmente um pedaço de papel engomado e este produziu o mesmo efeito que um vesicante.

Charcot constantemente produzia, por sugestão, queimaduras. O doutor Hébalquin, médico chefe do primeiro hospital de São Petesburgo, tinha um sujeito histérico, muito sensível. Para saber se positivamente as experiências relatadas por Charcot eram reais, ele diz ao sujeito: «Quando acordar, vai tocar a porta do aquecedor e vai queimar cruelmente a mão direita, formando uma bolha exatamente como se estivesse queimado». Notem que o aquecedor estava sem

fogo. O sujeito acorda, vai ao lado do aquecedor, coloca sua mão direita sobre a porta, grita como se realmente tivesse se queimado e diz que está muito ferido. E, bem, no dia seguinte, de acordo com os processos-verbais feitos pelos médicos, uma bolha se formou. Assim, vejam que não somente essa imagem tem uma forma fixa, que não somente ela tem uma dimensão, mas que ela possui propriedades capazes de desorganizarem a matéria viva.

Mas se alguém pode desorganizá-la, pode também organizá-la. Se os senhores lerem os trabalhos dos sábios sobre a sugestão, verão que eles se serviram desse potente meio terapêutico para restabelecer a saúde dos sujeitos que, sem esse meio, não teriam como voltar ao estado normal. Os senhores verão que, na realidade, a sugestão produz efeitos que tornam incontestável a transformação dessa força que existe em cada um de nós e que se chama força psíquica.

Eis um outro fenômeno mais curioso do qual já ouviram falar. Consiste nisso: uma mulher grávida é violentamente chocada pela visão de um objeto que a emociona, acontece às vezes que a criança que ela põe no mundo traz, sobre uma parte do corpo, o desenho do objeto que produziu a emoção da mãe.

Nós temos, creio eu, nos casos que citei há pouco, a explicação desse fenômeno. Houve o transporte do pensamento da mãe ao feto, impressão dessa imagem mental sobre a carne do feto. Essa impressão fica indelével; durante toda sua vida ele irá renovar a matéria de seu corpo, a marca permanecerá exatamente no mesmo lugar até o final da vida.

Eis aqui outros casos que foram observados pelos místicos. Os senhores sabem que, em certa medida, alguns indivíduos animados pela fé profunda, como São François de Sales, tendo o hábito de concentrar seu pensamento sobre o mistério da paixão, chegam num determinado momento a ver uma coroa de espinhos na sua cabeça e nas mãos os traços que simulavam a entrada de pregos de onde saía sangue.

Eis ainda um exemplo citado por M. Bureau:

Ele traçou com a ponta de uma caneta seu nome: « Léon » sobre o braço de um sujeito e lhe deu a ordem de depois de três ou quatro horas colocar-se a sangrar sobre o contorno traçado. De fato, algumas horas depois observavam-se gotículas de sangue cujo escorrimento formava seu nome. Os senhores veem que é possível demonstrar hoje que se pode chegar a produzir transpirações pela sugestão. Então, para os místicos, e mesmo para os falsos místicos, os fenômenos da paixão considerados como fenômenos milagrosos são devidos, muito provavelmente, a autosugestão do sujeito. O pensamento fixo de uma maneira constante sobre o martírio de Cristo, reproduzindo todas as fases, obtém uma intensidade tal que ele produz sobre o corpo material quase os mesmos efeitos que produziriam agentes exteriores.

Compreendemos agora muito bem, penso eu, que assim que a alma está no espaço, age sobre a matéria que a envolve para lhe dar a forma, as dimensões, exatamente a mesma aparência que um objeto material. Nas ciências da materialização, os senhores veem de algum modo toda a marcha ascendente de fenômenos; a princípio – nas ciências comuns, quando o médium é pouco desenvolvido – os senhores veem alguns clarões; são as chamas que parecem flutuar sobre os assistentes; depois, quando o fenômeno ganha consistência, é um fluido esbranquiçado que sai do lado esquerdo do sujeito; e então, quando o fenômeno vai ainda mais longe, esse fluido toma formas que variam segundo os indivíduos e segundo a vontade dos operadores invisíveis. É aqui que existe ainda um fenômeno bastante curioso. Uma vez que o olho humano não percebe essa força psíquica, o aparelho fotográfico, que é mais sensível, pode tomar e receber mais exatamente essas impressões e apresentar o desenho de objetos fluidicos que existem no espaço.

"Um sábio inglês, que se chama Bettie, fez experiências sobre essas forças psíquicas e procedeu com uma série de pesquisas. Temos aqui um duplo controle. Ao mesmo tempo em que ele se entrega a suas experiências, um médium vidente estava lá e alguém lhe pergunta: «O que o senhor vê?» quando se destampava a objectiva. O médium indica o que ele vê; toma-se a impressão e quando olha-se a placa, constata-se que ela reproduz identicamente a descrição do sujeito."

Então, há um duplo controle: 1º a mediunidade de vidência, 2º a placa do aparelho, sobre a qual agia quimicamente a força psíquica.

Os senhores compreendem agora que pela vontade o espírito pode criar objetos; ele possui o poder de trazer impressões sobre os fluidos que cercam o pensamento, de dar a ele uma forma. Quando, nas sessões do Espiritismo, percebemos esses fluidos, vemos se acentuarem, se concretizarem, se condensarem, até tomar algumas vezes a aparência de um objeto absolutamente material.

Eu poderia lhes trazer relatos de materialização, mas devo me limitar. Entretanto, citarei um fenômeno particular que eu mesmo assisti.

Em uma sessão que aconteceu na casa de meu pai, com um medium que ainda está vivo, vi em boas condições, de modo que estávamos 18 observadores sentados em torno de uma mesa, as cortinas do gabinete se afastaram. É preciso lhes dizer que esse gabinete era constituído pura e simplesmente pelo parapeito de uma janela na qual havia sido colocado um canapé onde o médium estava deitado, e ele escondia a entrada da janela. O médium não poderia ter saído desse canto; o fenômeno se produziu de maneira que a dúvida não era possível.

Eis aqui as condições nas quais eu vi esse fantasma e como ele colocou na minha mão o objeto que servia para iluminá-lo ao mesmo tempo que servia a nos iluminar.

As duas partes do tecido que tampavam a abertura da janela se afastaram e a forma fluidica se deslocou sobre e na mesa conservando sua posição vertical; ela fez, então, um percurso de 1m50; os senhores compreendem que um indivíduo vivo teria sido obrigado a se deslocar obliquamente se quisesse atingir o fenômeno enquanto que, ao contrário, a aparição se deslocou paralelamente a si mesma ficando totalmente vertical. Então, eu vi que o espírito envolto em tecidos flutuantes tinha nas mãos um objeto retangular, que servia para iluminar; eu lhe perguntei se ele queria colocar em minhas mãos por um instante esse tipo de lâmpada de natureza especial; ele colocou na minha mão e eu tive a impressão de um objeto envolvido de musseline mas que era luminoso; de repente eu o senti esvaecer-se em minhas mãos, enquanto eu via a luz diminuir, como também o viam o médium

vidente e os outros assistentes; então, o ser o tomou de volta e imediatamente a luz retornou; o poder luminoso dessa lâmpada renascia à medida que o espírito passava mais tempo com ele nas mãos.

Um livro escrito por Bodisow, um antigo camareiro do Emperador da Rússia, conta que ele assistiu fenômenos análogos. Havia outros e hoje o número de sábios que se ocupam desse fenômeno é bastante considerável para que nós possamos afirmar a existência e mesmo a manifestação material da força psíquica.

Um inventor não constrói de início em seu espírito o modelo ideal de sua máquina? Um artista não tem já figurada em seu espírito a imagem daquilo que deve reproduzir na sua tela? Rafael conta, ele mesmo, que, não encontrando entre os modelos que estavam à sua disposição tipos que realizassem aquilo que ele tinha em seu pensamento, pintava a imagem que tinha em seu espírito.

Dizem que Michelangelo ficava deitado de costas e via se desenhar acima de si a forma da cúpula de São Pedro com todas suas dimensões. Essa imagem realmente existia para ele; se ele pôde conhecer as leis da força psíquica, poder-se-ia assistir os mesmos fenômenos que aqueles que assistimos nas sessões de materialização.

Senhoras, Senhores, vejam que quando Allan Kardec dizia que o pensamento é criação, que ele deve agir para dar forma à força psíquica, quando ele dizia que um espírito, se reportando a um dado momento de seu passado, pode ressuscitá-lo, ele não tinha razão? E, em tudo isso, temos provas certas nos trabalhos dos sábios contemporâneos, que estavam longe de duvidarem que levariam um poderoso apoio ao Espiritismo.

Se o tempo fosse menos limitado, eu poderia enfatizar também que Kardec foi um dos primeiros – se não o primeiro – a assinalar a existência dessas formas da matéria às quais ele dava o nome de fluidos. Não havia máximas suficientes para lançar aos infelizes espíritas quando ele falava de fluidos. Era-nos dito: «Os senhores não sabem que a matéria tem um peso, que ela tem uma massa; ora, os senhores nos falam de uma matéria imaterial; isso são palavras que

chocam por estarem reunidas.» E, bem, que dirão hoje aqueles que se mostravam tão severos a nosso olhar, enquanto estamos na presença de radiações novas, descobertas nesses últimos anos; como dizia meu eloquente amigo M. Léon Denis, será que nós não temos no rádio, nos fenômenos da radioatividade, a demonstração e a prova de que existem formas imateriais da matéria, que existem fluidos?

Eu estou convencido de que à medida que continuarmos a estudar, à medida em que a ciência desejar penetrar um pouco no domínio que abrimos a ela, acontecerá a mais magnífica união entre a ciência e o Espiritismo e veremos a humanidade progredir, lentamente, mas seguramente, em direção a um ideal sempre mais alto e mais nobre.

Conferência proferida por Léon Denis

aos Membros do Congresso Espírita de Liège

1ª Assembleia Geral

Sessão de 11 Junho de 1905, Domingo

O senhor Léon Denis exprime sua gratidão, seu agradecimento, seu profundo reconhecimento pela grande honra que lhe é dada, tal como ao senhor G. Delanne.

É sempre uma alegria muito viva para mim, diz ele, encontrar-me entre os senhores. As aprovações, os testemunhos de simpatia que eu tenho frequentemente recebido e que ainda recebo hoje dos espíritas da Bélgica, as amizades pessoais que tenho nesse país, amizades já antigas, tudo isso constitui uma das mais belas recompensas que pode obter um servidor da causa que amamos.

Eu hoje me junto aos seus trabalhos de uma maneira mais direta, mais efetiva; porém, eu jamais perdi de vista esses trabalhos. Eu tenho seguido com o mais vivo interesse o desenvolvimento do Espiritismo nesse país. Meu pensamento sempre vibra em uníssono ao pensamento dos senhores; meu coração sempre bateu uníssono aos seus corações. Há dezesseis anos – foi em 1889 – eu vim pela primeira vez proferir conferências espíritas nessa boa cidade de Liège. Eu retornei muitas vezes desde então, como em outras cidades belgas e, a cada viagem, a cada novo esforço, os laços que me uniam aos espíritas belgas se tornavam mais numerosos e mais fortes.

O senhor Delanne e o senhor Gaillard, por sua vez, também vieram.

E hoje nós podemos medir o caminho percorrido e os progressos realizados. Podemos dizer, com legítima satisfação, que nossos esforços comuns não foram em vão, que germinou a semente lançada aos vincos da terra, que ela eleva e que muitas inteligências nesse país começam a se deixar penetrar, persuadir, convencer da beleza, da verdade, da grandeza das ideias que defendemos. E assim o é quase em todos os lugares.

Em minhas inúmeras viagens a todas as regiões, nas estadias que fiz nos mais diferentes meios, pude constatar os sensíveis e constantes progressos da Ideia espírita na opinião geral.

O vento está a nosso favor e podemos dizer que o destino de nossa causa se anuncia grande e magnífico no mundo.

Por todos os lados se sente o vazio, a negação, o desespero das teorias materialistas, suas consequências funestas na ordem social.

Por todos os lados se sente, num mesmo grau, a insuficiência, a indigência dos ensinamentos dogmáticos e sua impotência para explicar o destino humano.

Existem, por todos os lados, massas ávidas em conhecer, em saber, em aprender, ávidas por consolo e esperança, massas que não demandam outra coisa senão vir a nós e na direção daquilo a que devemos ir!

É por isso que eu lhes felicito, por terem tido a iniciativa desse Congresso. Seria supérfluo insistir sobre a utilidade e a oportunidade de Congressos. Os Congressos são úteis no sentido de que eles são uma afirmação da vitalidade de nossos princípios e de nossas crenças.

Os Congressos são úteis porque contribuem na orientação da marcha do Espiritismo. Neles medimos os progressos realizados. Neles, entra-se em acordo sobre a melhor maneira de organizar o trabalho de experiência e de propagação, de torná-lo mais metódico. Neles, reforçam-se os laços de solidariedade que unem os espíritas de diversas regiões, diversas federações.

E cada vez que aqueles que participaram desses Congressos entram na vida ativa, na luta das ideias, é com um ardor novo; é com uma confiança maior.

* *

*

Qual deve ser *o objetivo essencial do Espiritismo?* A princípio, provocar, pesquisar, coordenar as provas experimentais da vida após a morte.

(Aqui o orador ressalta a necessidade de um controle rigoroso, do espírito de método e de crítica. Ele fala das exigências do espírito moderno. É preciso passar os fatos na peneira. Ele insiste sobre os perigos da credulidade e das afirmações prematuras.)

Ch. Richet dizia ainda recentemente em um grande artigo: «Os espíritas são pouco rigorosos e é uma história lamentável aquela de sua aberração.»

Depois, apoiando-se em provas bem estabelecidas, sobre bases sólidas, o Espiritismo deve preparar, renovar a *educação científica*, racional e moral do homem em todos os meios, a educação humana!

A ação do Espiritismo deve, então, se exercer em todos os domínios: experimental, doutrinário, moral e social. Existe, no Espiritismo, um elemento regenerador do qual podemos tudo esperar. Eu creio poder dizer que é o Espiritismo que é chamado a tornar-se o grande libertador do pensamento, o pensamento humano, subjugado há tantos séculos. É ele que lançará no mundo cada vez mais os germes da verdade, da bondade, da fraternidade humana e esses germes frutificarão mais cedo ou mais tarde.

Nós somos impacientes porque nossa vida é curta e observamos que os progressos são lentos. Mas, já podemos dizer que em 50 anos o Espiritismo fez mais do que qualquer outro movimento do pensamento no mesmo intervalo de tempo, não importa em que idade da história.

Somos impacientes e nossa piedade se emociona à vista das ignorâncias, das mesmices, dos preconceitos, dos sofrimentos e das misérias da humanidade e nós gostaríamos de obter resultados imediatos. No entanto, já podemos ver que pouco a pouco tudo muda, tudo evolui ao nosso redor com o sopro de novas ideias. Muitas sombras se dissipam, muitas resistências se esvaem. A aversão que o Espiritismo provoca em torno de si aos poucos se transforma em simpatia, em amizades. Os homens não brigam nem se desprezam senão porque se ignoram. A obra magnífica do Espiritismo será a de aproximar os homens, as nações, as raças, formar os corações,

desenvolver as consciências. Mas, para isso, é preciso trabalho, perseverança, espírito de devotamento e sacrifício.

É uma grande alegria, para mim, poder dizer essas coisas aqui, nessa capital da Valônia, sobre essa terra de independência e de coragem, cujos filhos sempre compreenderam e mostraram que nada se obtém sem trabalho e paciência.

Porém, nessa hora onde os melhores dias parecem se preparar para nós, não deveríamos nos lembrar daqueles que tiveram dificuldades sem terem recebido honras? Permitam-me saudar, em seus nomes, a memória daqueles que muito contribuíram para a difusão do Espiritismo nesse país, a memória de homens de convicção profunda e de virtude, que já retornaram ao espaço, mas cuja lembrança subsiste em seus pensamentos. (Aplausos)

E eu saúdo também os militantes de hoje que encontro ao meu redor, prontos a novos esforços.

Saúdo às jovens vontades, aos jovens talentos que crescem e que assegurarão o triunfo do Espiritismo nesse país.

Allan Kardec, em suas obras póstumas, afirmou que o Espiritismo era o amanhã. Depois de trinta anos de provas, de trabalho e de progresso, essa afirmação hoje se faz notar. E, bem, no começo desse Congresso, no alvorecer do século XX, eu a renovo com a certeza de que essas palavras de esperança e de fé profunda não serão negadas.

Eu a renovo e digo como ele: O Espiritismo é o amanhã. Saibamos prepará-lo! (Aplausos).

Eu venho falar de progressos realizados pelo Espiritismo. Vejamos em que consistem:

Primeiro, podemos dizer que a própria ciência oficial está encetada, profundamente encetada, encetada a tal ponto que ela vai se encontrar na necessidade de reformar seus métodos, de renovar seus sistemas.

Há 50 anos, os Espíritas nos ensinam teoricamente e nos demonstram experimentalmente sob o nome de *fluidos*, a existência de estados

sutis da matéria e de forças imponderáveis que os sábios rejeitam em um acordo unânimo.

O primeiro sábio que os constatou é o Sr. W. Crookes. Vejam seu livro: *Pesquisas sobre os fenômenos do Espiritismo!*

E desde então a ciência, a cada dia, não parou de avançar nessa via e de reconhecer a variedade e a potência dessas forças. Os senhores conhecem as etapas célebres da ciência nessa rota: Roentgen, com os raios X; Hertz e a telegrafia sem fio; Becquerel, Curie, Le Bon, descobrindo as energias intra-atômicas; Blondot, os raios N. (Pois somos obrigados a reconhecer também que as forças radioativas não emanam somente de corpos materiais, mas também de seres vivos e pensantes) É uma condução em direção da constatação da vida invisível e do espírito.

E, bem, tomem Allan Kardec, os senhores encontrarão em suas obras a afirmação da existência dessas forças.

E que resulta de todas essas constatações da ciência? É que todas as bases da física, da química e mesmo da psicologia estão misturadas. O Espiritismo se beneficia de todas as descobertas recentes que foram feitas nesses domínios.

Todas as forças sutis colocadas em ação pelos Espíritos nas manifestações são hoje constatadas pela ciência.

Tomem o fenômeno de levar e também a reconstituição espontânea de diversos objetos nos quartos fechados. Tomem aqueles fenômenos de levitação de móveis e de pessoas vivas. Lembrem-se das experiências de penetração da matéria pela matéria que foram feitas por Aksakof, por Zölner e outros, sobre os anéis de metal e sobre as faixas de tecido seladas.

De modo mais geral, a passagem dos Espíritos através de paredes, as aparições, as materializações em todos os graus, todos esses fatos demonstraram uma coisa desde o princípio; é a ação de forças prodigiosas, então desconhecidas; é a possibilidade de uma dissociação indefinida da matéria, que não era reconhecida pela

ciência de então e que a ciência atual está obrigada a admitir depois dos trabalhos de Curie, Becquerel, Le Bon, etc.

Há cinquenta anos os espíritas sabem aquilo que a ciência deseja descobrir hoje.

E quais são as consequências? É uma modificação profunda das teorias clássicas sobre as forças e sobre as matérias. É o dogma do átomo indivisível que se desfaz e, com ele, toda a ciência materialista.

Hoje, a ciência materialista está em plena confusão. Escutem essa declaração do presidente do último Congresso para o avanço das Ciências (Grenoble, 1904), M. Laisant, ex-deputado do Sena, que conheço pessoalmente como um fiel discípulo de Augusto Comte, isto é, como positivista, hoje professor de matemática na Escola politécnica.

Escutem o que ele diz em seu discurso de abertura:

«Nós temos vivido, desde nossa infância, uma vida científica tranquila, contentes com nossas teorias como uma velha casa algo em ruínas, à qual se está ligado pelo uso, que se ama e que se habita. E então eis que um vendaval chega na forma de novos fatos, inconciliáveis com as teorias admitidas. As hipóteses caem, a casa afunda e nós ficamos absolutamente desorientados e desgostosos, na expectativa de novos vendavais e sem saber o que fazer. »

Que confissão de impotência e de esterelidade ! (Aplausos).

Os senhores então veem uma coisa: quando estudamos a marcha do Espiritismo, somos levados a constatar que, pouco a pouco, de etapas em etapas, apesar de suas hesitações, apesar de suas repugnâncias, a ciência se aproxima gradualmente das teorias espíritas.

Na física e na química, o *voilà* que reconhece a existência da matéria sutil, radiante, e as forças radioativas que são a própria base, o substrato e o modo de manifestação do mundo invisível.

E agora na *psicologia*, esta é obrigada a aceitar o hipnotismo e a sugestão, depois de tê-los negado por muito tempo. Possa isso ter sido a telepatia e a transmissão de pensamentos. E o que são todos esses

fatos: é a demonstração no domínio humano, experimental, desse princípio afirmado, aplicado há cinquenta anos pelos Espíritas: a ação possível da alma sobre a alma, à toda distância, sem o socorro de órgãos e do cérebro.

Os senhores sabem que a ciência oficial, que se inspirou sobretudo em teorias materialistas, *a priori* rejeitava esta explicação. Há ainda poucos anos, ela rejeitava em princípio toda possibilidade de manifestação da inteligência para fora do cérebro e, conseqüentemente, toda possibilidade de uma inteligência se comunicar com uma outra fora dos órgãos e das vias ordinárias da sensação.

E, bem, a ciência é obrigada, hoje, a reconhecer os fatos da telepatia e da transmissão de pensamentos. E ao reconhecê-los, ela dá um passo considerável à frente e leva um golpe mortal ao materialismo.

A telepatia demonstra a comunicação possível entre dois seres sem o auxílio do cérebro, como a sugestão demonstra a influência possível de um espírito sobre um outro, sem o auxílio de órgãos materiais. Essas influências e essas funções são estabelecidas por milhares de experiências. E daí, por isso mesmo, a teoria materialista falha e a metade do caminho é feita pela ciência ao admitir a comunicação como algo possível entre os homens e os espíritos. E a segunda metade do caminho ela fará pelo estudo da mediunidade.

E, bem, essa forte renovação da psicologia, quem ensinará ao ser humano a se conhecer melhor, a quem a ciência indicará? Aos espíritos, aos magnetizadores que chamaram primeiro a atenção pública e a atenção de sábios sobre os fatos da sugestão, da telepatia, da transmissão de pensamentos e que forçaram de alguma forma a evolução científica a se orientar nessa via que forçosamente a conduzirá ao Espiritismo! (Aplausos).

Outra coisa! Sem sair do domínio experimental, da psicologia experimental, começamos a constituir um feixe de provas científicas, as provas de existências anteriores e do princípio da Reencarnação.

Eu chamei a atenção do coronel de Rochas sobre as experiências que nossos irmãos espanhóis nos trouxeram no Congresso de 1900, em

Paris. O coronel guiou suas pesquisas no mesmo sentido. E logo os senhores terão conhecimento, pela via da publicidade, de suas experiências de Aix, que convenceram materialistas como o Dr. Bertrand, antigo prefeito de Aix. Nessas experiências, o ser psíquico, exteriorizado, não somente se lembra de suas existências anteriores como as revive, revive cenas principais com um realismo, uma vivacidade de impressões e de sensações que não podem ser simuladas nem fingidas, pois isso demandaria conhecimentos patológicos aprofundados, que o sujeito – uma jovem de 18 anos – não pode possuir, conforme todos os experimentadores.

Essas experiências são numerosas. Há muitas outras. E é ao multiplicá-las que, com o tempo, chegaremos a provar, a demonstrar esse encadeamento formidável de causas e de efeitos que rege todos os nossos atos, que rege o mundo moral como o mundo físico e que se encontra em cada um de nós e que é a trama, a própria lei de nossos destinos. E com ela, a Lei da Justiça aparece, clara, e nada pode mais contestá-la.

Essas experiências têm ainda uma outra consequência não menos importante.

Elas nos ensinam que *a personalidade humana* é muito mais vasta, mais extensa, mais profunda que pensamos. Que nós não nos conhecemos a nós mesmos; que existe em nós não somente uma vida mais profunda, uma consciência profunda, mas também faculdades latentes, ignoradas, das quais nosso organismo, nosso corpo material não permite manifestação plena e inteira, mas que se desperta em certos casos (telepatia, premonição, visão à distância). E também os sonos profundos da memória onde dorme o passado. E nessas experiências esse passado ressurgue, sai da sombra. Ele nos olha com um olhar grave e triste. Todas as lembranças despertam em massa e nossa própria história se passa, como que automaticamente. E, então, o que vemos?

Vemos que *nossa alma é um mundo* ignorado onde dormem energias escondidas, forças latentes, lembranças veladas. E que tudo isso, essas riquezas, podemos acolhê-las, colocá-las em ação para uma boa

direção de nossa vida, para a transformação de nosso futuro, de nosso destino.

E *a sanção* de todas as coisas está lá! Ela está na consciência individual, imortal. A consciência se encontra, no além, não mais restrita, sufocada como aqui embaixo, mas em sua plenitude, como ela nos aparece no transe com uma intensidade tal que o ser evoluído revive seu passado, em suas alegrias e em suas dores, em todos os seus detalhes, com uma força tal que ele se torna uma fonte de felicidade ou de tormento.

Eis o que todo homem deve saber e saberá um dia, o homem que sabe muitas coisas, mas que ignora a si próprio. E, bem, esta ciência profunda do ser é o Espiritismo que o terá feito nascer, é ele que, primeiro, chamou sobre si a atenção dos pesquisadores, sobre esses lados misteriosos, inexplorados de nossa natureza. *É ele que terá ensinado o homem a medir o tamanho de sua força, toda sua grandeza, todo seu vir a ser.*

Os senhores vêm, não há exagero em dizer que o Espiritismo, em 50 anos de existência, exerceu e exercerá mais e mais uma forte influência e levará a transformações consideráveis na ciência, na literatura e mesmo no seio das Igrejas...

E tudo isso se realiza quase que sem organização, com meios de ação fracos, com recursos precários, sem outra organização senão aquela que pode existir no além... e talvez seja essa a melhor de todas, pois nós nos sentimos fortemente apoiados, sustentados pelo mundo invisível e eu trago testemunhos aqui diante dos senhores!

Na literatura, é um florescimento de obras em todas as línguas, a maioria de grande valor, como a de Myers, por exemplo: *A personalidade humana e sua vida após a morte*, que produziu uma grande sensação no mundo intelectual.

Hoje ouve-se professores eminentes, professores de Universidades, afirmarem em seus cursos públicos a existência dos Espíritos.

O professor Izoulet, do Colégio da França, falando da pneumatologia, ou ciência dos Espíritos, dizia no último abril: “Há tantos e tantos degraus acima de nós quanto há abaixo”.

E as Igrejas! Eu falei das Igrejas e os senhores ficaram perplexos, sem dúvida. Mas eu me explico e digo que a idéia espírita penetrou nos meios mais refratários, os mais ortodoxos e que a mentalidade dos padres e pastores, em muitos meios, é trabalhada silenciosamente pela idéia espírita.

No meio protestante, há inúmeras adesões de pastores, na América, na Inglaterra, na Holanda.

Eis o que me escreveu um grande pastor da Igreja reformada da França, diretor de uma revista evangélica:

“Eu pressinto que o Espiritismo poderia se tornar uma religião positiva, não à maneira das religiões reveladas, mas em qualidade de religião estabelecida sobre os fatos da experiência e plenamente de acordo com o racionalismo e a ciência.”

E o meio católico! Lá as constatações são mais difíceis de fazer porque ali reina uma disciplina rígida. Mas o trabalho latente se revela. Eu recebo freqüentemente, de minha parte, visitas de eclesiastas que vêm falar comigo sobre o Espiritismo.

Mas eis aqui algo preciso. Não é uma personalidade obscura, um membro apagado da Igreja; trata-se do pregador, o orador mais célebre da cátedra católica, desde Lacordaire, o pai Didon.

Eis o que ele escreveu em suas Cartas à Senhorita Th. V., publicadas em 1902, em Plon-Nourrit, com a autorização de sua ordem, a dos irmãos dominicanos: (p. 34)

« Eu creio na influência divina que os mortos e os santos exercem misteriosamente sobre nós. Eu vivo em profunda comunhão com esses invisíveis e experimento de bom grado os benefícios de sua presença secreta. Os séculos se multiplicaram, mas não impediram as almas de mesma raça de se visitarem e se amarem”.

E quantas outras passagens semelhantes e quantos casos semelhantes eu poderia citar, pois não são fatos e testemunhos isolados, esses casos são numerosos, mas eu devo me limitar.

Devo me limitar, mas eu digo que esses resultados, ainda parciais, restritos, isolados, terminarão por se acentuar, por se manifestar claramente, em todos os meios sociais, no seio das instituições mais retrógradas; que existe aí um fermento que fará crescer todas as massas. E que devemos redobrar a energia, o labor, a vontade perseverante e prudente; que nossa causa acabará prevalecendo em todos os meios, transformando-os, fecundando-os, porque nossa causa é a da verdade!

* *
*

É de homens que gostariam de circunscrever o Espiritismo no domínio experimental, o dos fatos. Sem dúvida, o fato é a própria base do Espiritismo; é a prova da vida após a morte. Mas atrás do fato e no próprio fato há toda uma revelação. No Espiritismo, o fato é inseparável do ensinamento. Um está estreitamente ligado ao outro; um não anda sem o outro, ainda que o fenômeno seja de uma ordem pouco elevada. Os Espíritos não procuram se comunicar conosco senão para nos consolarem, nos instruírem, nos iniciarem nas grandes leis do além, cujo *conhecimento é tão necessário*. Foi isso que Allan Kardec compreendeu, percebeu. É por isso que, em sua obra, ele uniu fortemente a doutrina à ciência. Agindo assim, ele não obedeceu a uma tendência de seu próprio espírito, ele obedeceu uma necessidade, à natureza das coisas que ele estudava.

O que promove a força de ação, o papel social do Espiritismo, é que ele responde ao mesmo tempo a todas as necessidades da alma humana, às necessidades múltiplas, imperiosas do momento presente, é que ele se dirige ao mesmo tempo ao cérebro e ao coração, à inteligência, à consciência e à razão. O que faz a força e a eficácia do Espiritismo é que as satisfações intelectuais, morais que ele nos dá, os ensinamentos que ele nos confere, tudo isso constitui, no conjunto, uma unidade magnífica, uma grande síntese científica, filosófica, moral, social.

Uma doutrina que não se dirija ao mesmo tempo ao cérebro e ao coração, ou seja, à inteligência e ao sentimento, é carente de equilíbrio. A moral que vem do cérebro é uma moral estéril; apenas a moral do sentimento e do coração pode tornar o homem verdadeiramente humano, acessível à piedade, compadecente por todas as dores, devotado aos semelhantes.

A ciência, sozinha, não é suficiente. É preciso falar ao coração da humanidade. E sobretudo aqui, nos meios trabalhadores. Sem dúvida, é preciso se instruir, se armar intelectualmente pela discussão e divulgação; mas é pelo coração que os senhores sacudirão as massas, que atingirão a alma do povo.

Eu repito: é preciso estudar os fatos; é preciso dar aos fatos toda a importância que eles merecem. Mas, mais longe e mais alto que os fatos, é preciso ver a finalidade para o qual, por meio dos fatos, mãos invisíveis conduzem a humanidade!

Não! O Espiritismo não é somente o fato psíquico, a dança das mesas, como alguns homens infelizmente parecem crer! O Espiritismo é todo o esforço, o esplêndido esforço do além para arrancar da alma humana as suas dúvidas, suas vergonhas, suas lepras, suas doenças morais, para obrigá-la a tomar consciência de si mesma, de suas energias escondidas, para forçá-la a realizar seu glorioso destino. (Aplausos).

O Espiritismo é o raio de esperança que vem aclarar nosso universo sombrio, nossa terra encharcada de sangue e lágrimas; é o raio alegre que vem visitar os quartos de miséria, que penetra os lares tristes onde habita a infelicidade, onde geme o sofrimento.

O Espiritismo é o apelo do Infinito à pobre alma humana esmagada sob a matéria; essas são as vozes que vêm proclamar o mais nobre, o mais forte ideal que o pensamento do homem já sonhou. E a esse apelo, à essas vozes, se revestem as fronteiras tombadas sob o peso da vida, os desesperados, os naufragos da existência retomam coragem e no céu nebuloso de seu pensamento eles vêm brilhar o amanhecer que anuncia novos tempos, tempos melhores para a humanidade.

O Espiritismo é a *comunhão das almas* que se chamam e que se respondem através da imensidão. Não é graças a ele que as notícias

nos chegam daqueles que foram nossos companheiros de correntes aqui embaixo, nossos companheiros de luta? Nós acreditávamos tê-los perdido e eis que nos sentimos novamente ligados a eles! Que alegria saber, sentir que estamos unidos àqueles que amamos, unidos ao longo dos séculos, que a morte não é mais que uma ilusão aos olhos, que toda separação não é mais que passageira e aparente. Nós nos sentimos ligados não somente a eles, mas a todas as almas que povoam a imensidão. O universo é uma grande família. E sobre os milhares de mundos que giram nas profundezas, por todos os lados temos irmãos e irmãs aos quais estamos destinados a encontrar e a conhecer um dia, por todos os lados almas com as quais perseguiremos nossa ascensão sob a égide de leis sábias, equitativas, profundas, eternas! (Aplausos).

E é assim, irmãos e irmãs, é por aí que despertará pouco a pouco e que crescerá em nós o sentimento, o forte instinto da vida universal, da solidariedade universal. É por aí que nós nos sentiremos ligados aos mais humildes como aos maiores espíritos, que nós nos sentiremos da mesma raça que os heróis, os sábios e os gênios e que nós teremos a possibilidade de nos juntarmos a eles na luz quando tivermos, também nós, trabalhado, lutado, merecido, sofrido!

O Espiritismo, enfim, é todo o estremecimento da vida invisível; é o universo vivo que foi ignorado até aqui, salvo alguns, e que nós sabemos ser agora, que nós sentimos ser, palpitar, vibrar ao nosso redor, preencher o espaço de pensamentos radiantes, de pensamentos de amor, de inspirações geniais e que nós sentiremos cada vez mais viver e agir, graças ao desenvolvimento das faculdades que ainda dormem na maioria dos homens, mas que vão se despertar, se multiplicar pelo conhecimento do Espiritismo, aumentar e se tornar a partilha da maioria, depois ter sido somente privilégio de alguns. E por isso, iremos adquirir também a certeza precisa da proteção, do apoio que, do além, se estende sobre nós, a prova de que a solicitude do alto envolve todos os peregrinos da existência em sua penosa viagem terrestre.

Estimemo-nos felizes por possuímos essas verdades, por entrevermos essas luzes. Esforcemo-nos por conquistá-las ainda mais pela força de

vontade e de trabalho, de tornarmo-nos dignos por nossa ligação, por nosso devotamento à nobre causa que servimos.

Lembremo-nos que a verdade não se conquista, que o espírito não se eleva, senão pelo esforço e pela dor.

Na luta que se engaja para a ascensão da humanidade, na luta grandiosa das ideias, o Espiritismo é o mais forte nesse combate, porque nele a vida e a morte se encontram, a terra e o céu se unem para os combates do pensamento.

Lutemos, então, com coragem, com sabedoria, com prudência. O mundo invisível está conosco. Elevemos nosso grito de esperança e de confiança na justiça eterna e consciente que governa os mundos. Creiamos, esperemos, ajamos!...

(Aplausos longos, ovação.)

A sessão se encerra às 12h30min.

